

**O PROFESSOR DE LIBERDADE, EM A MANTA DO SOLDADO,
DE LÍDIA JORGE**

Nícia Petreceli Zucolo¹

RESUMO

Neste artigo, abordarei a figura de uma personagem que passa rapidamente pelo livro *A manta do soldado*, de Lídia Jorge, sendo, porém, crucial para a formação do protagonista Walter Glória Dias. Essa personagem é um professor cujo comportamento peculiar, em São Sebastião de Valmares, causa reações negativas. Para que se entenda a relação estabelecida entre o professor e Walter Dias, falo sobre a situação de Portugal e situo a autora nesse contexto, também trazendo para a discussão a figura do patriarca Francisco Dias. O artigo tangencia uma discussão que envolve o professor como intelectual e como exilado, conforme Antônio Gramsci e Edward Said.

Palavras-chave: Lídia Jorge - intelectual - professor – Portugal

ABSTRACT

In this article, I will explore the figure of an ephemeral character of the book *A manta do soldado*, by Lídia Jorge. Even though his short appearance, he is crucial for the protagonist's development, Walter Glória Dias. This character is a professor whose peculiar behavior, at São Sebastião de Valmares, provokes negative reactions. To understand the relation between the professor and Walter Dias, I explain about Portugal's situation and situate the author in this context, also discussing the patriarchal figure of Francisco Dias. The article also has a discussion about the professor as an intellectual and as an outcast, according to Antônio Gramsci and Edward Said.

Keywords: Lídia Jorge – Intellectual – Professor – Portugal

¹ Professora de literaturas da Universidade Federal do Amazonas; doutoranda PPGLP - USP, bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas.

Apesar de parecer desnecessário a alguns, situar Lúcia Jorge serve para que se possa dimensionar o alcance e a representatividade da obra da escritora.

Lúcia Jorge é uma escritora portuguesa surgida na década de 1980, com o *Dia dos prodígios* e, já a partir de seu romance de estreia, tem aclamação de público e crítica. Apesar de seus romances serem densos e de estrutura narrativa complexa, trazem enredos bem articulados que prendem a atenção do leitor, seja crítico especializado, seja o que busca apenas uma leitura prazerosa.

Em seu romance de estreia, por exemplo, é retratado interior de Portugal em seu aspecto arcaico: um grupo de soldados passa por Vilamaninhos, a aldeia em questão, e noticia a liberdade advinda da Revolução dos Cravos... a aldeia, porém, está às voltas com uma serpente que escapou de ser morta por uma aldeã e fugiu voando. O aspecto mágico de sua primeira narrativa, fez com que fosse aproximada dos escritores sul-americanos e da narrativa fantástica, coisa que não se confirmou com seus romances subsequentes.

Em 1998, publica *O vale da paixão*, romance que lhe rende vários prêmios: o Prêmio Dom Dinis da Fundação da Casa de Mateus, o Prêmio Bordallo de Literatura da Casa da Imprensa, o Prêmio Máxima de Literatura, o Prêmio de Ficção do P.E.N. Clube e, em 2000, o Prêmio Jean Monet de Literatura Europeia, Escritor Europeu do Ano. No Brasil, este romance é publicado em 2003, com o título *A manta do soldado*, de onde são extraídas as personagens que serão consideradas neste artigo.

Em seus romances, a época de mudanças porque passou Portugal após a Revolução dos Cravos é representada através das pessoas, das personagens a quem dá vida. Essa vida, muitas vezes, é um sopro, como o é do lado de cá do papel: pessoas passam por nossa vida de maneira rápida – mas decisiva.

Dessas pessoas que passam por nós, influenciando decisivamente em posturas, quem não se lembra de algum professor, quem não se espelha, em sua prática (pensando-nos como professores - e nem sempre de sala de aula), em algum que passou por nossa vida?

Foi-se o tempo em que se poderia afirmar que o professor “vive predominantemente do intelecto, dedicando-se a atividades que requeiram um emprego

intelectual considerável”... hoje, a mais das vezes, é “aquele que tem diploma de algum curso que forma professores”...

Ao pensar o papel do professor, não se escapa de Gramsci, que enquadra o professor como o intelectual tradicional. Entretanto, com o passar dos tempos – e a situação que se mostra da educação no presente momento – o professor está muito mais para um marginal exilado, conforme a visão de Edward Said.

Explico: Gramsci entende os intelectuais, a partir do *lugar* de fala, como tradicionais ou orgânicos: os tradicionais estariam nas instituições, nas academias; o orgânico seria membro do organismo social, um sindicalista, um vendedor de jornais...

Além do *lugar* de onde fala, há a *orientação* da fala: o intelectual hegemônico, representando a perpetuação da ideologia das classes dominantes; e o intelectual crítico, pensando sobre essa ideologia, polemizando.

O professor não deixa de ser um intelectual tradicional, faz parte de uma instituição, mas pode – e deve – assumir a orientação crítica.

Hoje o professor está muito mais para um exilado dentro de sua própria sociedade. A classe não recebe o devido reconhecimento, e se ousar questionar a ordem (seja por greves, seja por uma postura engajada), torna-se um marginal, afinal a postura engajada cujo objetivo seria "descortinar" a ideologia imposta pelo Estado, na figura da mídia televisiva, por exemplo, fomentando ação (mais do que a simples tomada de consciência), principalmente no que tange às causas sociais, acaba por torná-lo uma *persona non grata*, muitas vezes, até dos alunos.

O intelectual de que tratarei aqui, o professor pensado para este texto, é um professor que tem uma rápida, mas determinante, passagem pelo romance: o sopro que alimenta a chama de Walter Glória Dias, personagem condutor da trama.

A presença deste professor é crucial na formação de Walter, determinando comportamentos pelo resto da vida da personagem, comportamentos entendidos como inadequados pela arcaica e engessada sociedade portuguesa, alegorizada no clã familiar: o gosto pela arte, a postura libertária e a insubordinação à tacanhice paterna, uma alegoria da portuguesa.

Simplifico o enredo naquilo que interessa aqui. Nesse romance, duas forças entram em litígio: a tradição, em sua obsolescência e atraso, representado na figura do patriarca, Francisco Dias, lutando para manter em seu feudo todos os filhos, obedientes

e passivos e o novo: representado por Walter, insubmisso desde criança, que não aceitava subordinar-se às ordens do pai. Adolescente, indomado, subia na charrete da fazenda e sumia, a desenhar pássaros, em vez de atender às ordens do pai.

A cena abaixo exemplifica a relação entre eles:

a tarefa consistia em encher uma canastra de estrume e entregá-la completa, elevando-a acima da cabeça. [Três dos irmãos de Walter] encontravam-se lá, no fundo da estrumeira, a encher canastras. [Dois irmãos] recebiam-nas, entornando-as no leito dos carros engatados às mulas. Na azáfama de encher as vasilhas, os irmãos Dias, tanto os que se encontravam em cima como os que estavam no fundo da cova, iam ficando atascados de estrume, e ele olhava para o fundo e recusava-se a descer [...]. Todos obedeciam, enchendo as canastras com as forquilhas baixas, erguendo as vasilhas até a berma da cova. Erguíam o esterco curtido, fumosos, aduboso, podrido, sujos dele, como se fossem parte dele e não se importassem de o ser. Mas Walter, o mais novo, não pegava na alfaia [...] não se mexia [...]. Então o pai havia pegado ele mesmo numa forquilha [...] e Walter, com as mãos cravadas na parede de estrume, enfrentava o pai [...]. Uma criança pequena, de cabelos de cor de feno, aos gritos estridentes, no meio da estrumeira a desafiar o pai (JORGE, 2003, p. 54).

Muito dessa sua rebeldia, o pai atribuí-a ao professor que Walter tivera, em muitas maneiras, diferente dos professores dos outros filhos.

Francisco Dias representa a tradição viciada. Educação, para ele, é sinônimo de *formar bom trabalhadores*, mesmo que para isso os professores irrepreensíveis – a seus olhos -, perpetuem, com sua postura, a ideologia vigente, mesmo que seja necessário distribuir pancadas enérgicas, para criarem *um obediente*.

A ideologia vigente, “o corpo sistemático de representações e de normas que ensinam a conhecer e a agir” (CHAUÍ, 1993, p. 3) ecoa o discurso competente de Salazar, o “discurso instituído [...], proferido, ouvido e aceito como verdadeiro ou autorizado” (CHAUÍ, 1993, p. 7), assimilado pelo patriarca, e repassado aos filhos: “todos seus filhos, incluindo Adelina Dias, tinham saído dessa disciplina de rigor, formadora e punitiva, como deveria ser. – ‘Menos Walter’ – dizia Francisco Dias”. (JORGE, 2003, p. 60)

Ora, a obediência, não-contestação, absorção da ideologia da classe dominante, através da *disciplina de rigor*, são os pilares da boa ditadura. Reses conduzidas, inconscientes de seu próprio estar-no-mundo.

Os professores defendidos por Francisco exercem uma função que lhes põe na ponta da linha da manutenção da tradição. A ação desses *bons* professores (na visão de Francisco, claro) estendia-se para além da escola, mutilando as crianças naquilo que pode ser a maior das resistências: a imaginação, mentes livres... distribuir pancadas, castigar os corpos, já era suficientemente castrador, mas a execução da possibilidade de voo se dava quando a mutilação chegava às vontades, ao desejo; quando atingia *a vergonha* e “a vergonha, na criação da obediência, era um sentimento imprescindível em todos os tempos, principalmente nos diligentes anos trinta” (JORGE, 2003, p. 60)

Essa vergonha diz respeito ao ato de os professores colocarem máscara de asno nas crianças e as crianças à janela... “através do focinho amplamente rasgado da máscara, identificava-se o rosto da criança. São Sebastião inteira ficava a saber quais as crianças punidas. As máscaras deixavam de ser máscaras, passavam a ser elas mesmas. A vergonha das crianças” (JORGE, 2003, p. 59). A vergonha é altamente eficaz como mecanismo de controle, já que o comportamento era controlado pelo medo da conseqüente exposição humilhante.

Os outros irmãos de Walter não tinham problemas em engolir a revolta (que havia, é fato) porque aprenderam a dissimular com esses professores, e obedeciam.

Entretanto, Walter tivera um professor tachado de incompetente, afinal

um homem que fazia lume sobre a secretária, queimava papel, cabeças de fósforos, álcool e algodão-em-rama dentro de frascos. Que volta e meia levava as crianças até aos montes cinzentos de São Sebastião, mandava observar a natureza, mandava espiar os animais. Mandava medir o desvio do Sol com metros de pedreiro, obrigava-os a irem de noite à escola para explicar os eclipses, levava a registrar coisas tão inúteis como a posição da pata das éguas quando corriam e quando marchavam. *Não lhes ensinava nada*. Ele mesmo construía canudos especiais pelos quais fazia as crianças olharem as aves, *contra a necessidade das próprias crianças, que era saber, sobre pássaros, quais os úteis e os inúteis*, os que davam bons exemplos aos homens com seus hábitos, e escrever isso em boa caligrafia. Mas esse *transviado* trazia para a sala de aula pássaros vivos e pássaros mortos, abria-lhe as asas, mostrava a diferença das penas, as articulações das patas no poiso e no voo. (JORGE, 2003, p. 60. Grifos meus.)

Devemos lembrar que Portugal vivia os anos 30, e, segundo Fernando Rosas (1998), “não há, talvez, nada mais absurdamente demagógico no Portugal salazarista dos anos 30 que o discurso ideológico, conservador e agrarista sobre o mundo rural e a

vida camponesa”, fantasia compartilhada por Francisco Dias, um dos poucos beneficiários da condição agrária.

Além dessa lembrança quanto à questão agrária, não podemos perder de vista os programas de ensino politizados, com saneamento político dos corpos docentes vinculando o ensino aos “princípios da doutrina e da moral cristã” (ROSAS, 1998, p. 252);

num estado que nos anos 30 aspira a regenerar e formar os espíritos de acordo com suas certezas indiscutíveis, a pedagogia de inculcação ideológica, simultaneamente impositiva, formativa e repressiva, é um dever inerente à própria função pública, aliás cuidadosamente saneada dos seus elementos indesejáveis (ROSAS, 1998, p. 260).

A partir disso, pode-se antecipar o que vai acontecer ao professor, considerando que, para Francisco, este professor era um corrompido, ensinando coisas que não eram úteis, alijando-se daquilo que o Estado Novo (e Francisco) entendia como educação...

A escola era a “sagrada oficina de almas”, responsável direta pela ocupação das mentes juvenis em atividades, ensinando obediência. Nas palavras de Salazar, num discurso em 1936, quando define as *verdades indiscutíveis* estabelecidas pela nova ordem: “não discutimos Deus e a virtude; não discutimos a Pátria e a sua história; não discutimos a autoridade e o seu prestígio; não discutimos a família e a sua moral; não discutimos a glória do trabalho e o seu dever” (ROSAS, 1998, p. 260).

O professor de Walter, ao agir conforme o que Henry Giroux (1997), “alicerçado na pedagogia freiriana, defende, que é a construção de significados através de múltiplas formações da experiência vivida, dando às vidas dos alunos um sentido de esperança e possibilidade”, este professor marginaliza-se, aproximando da percepção de Edward Said do que seja o intelectual hoje: a função deste professor, por menos que quisesse, era eminentemente política: os alunos aprendiam o valor do saber, mais do que a coação e o aviltamento de suas mentes, e eram estimulados em suas habilidades.

“Francisco Dias lembrava-se de ter sido chamado pelo professor Franzino, apenas para lhe ouvir dizer que Walter possuía umas mãos estranhas, umas mãos que desenhavam como se tivessem a memória da natureza debaixo das unhas. Uma habilidade formidável” (JORGE, 2003, p. 61) – mas inútil...

Ao chamar o pai do jovem Walter para dizer isso, o professor invocou o exílio (outro elemento constitutivo do intelectual), pois “Francisco Dias, ele mesmo, havia escrito ao delegado falando da sua suspeita, e tinha motivo o abaixo-assinado das dedadas, e por sua iniciativa o professor desaparecera” (JORGE, 2003, p. 61).

A ignorância perpetua as sombras, e em São Sebastião de Valmares não seria diferente: o professor engajado, o intelectual crítico, não cabe nesse espaço dominado pelo medo da diferença e do novo. Nesse espaço de “verdades indiscutíveis”.

Este professor mostra que não existe *neutralidade* na educação: que tanto podemos contribuir para a hegemonia dominante, quanto atuarmos como fator contra-hegemônico. “O intelectual é mais do que uma pessoa das letras, ou um produtor e transmissor de ideias. Os intelectuais são também mediadores, legitimadores e produtores de ideias e práticas sociais; eles cumprem uma função de natureza eminentemente política” (GIROUX, 1997, p. 186)

O professor pretendia levar os alunos a uma visão clara, porém perigosa, acerca do processo de conhecimento: não era apenas memorizar sequência de regentes em boa caligrafia, mas perceber o ritmo e o movimento, por exemplo, nas patas do cavalo em deslocamento, mais do que simplesmente aplicar fórmulas matemáticas. Ao transformar o questionamento em ferramenta de saber, em oposição ao conhecimento instituído e institucionalizado, a partir do qual a transformação se enrijece, neutralizado pela incorporação ao discurso competente (CHAUÍ, 1993), o professor condena alguns de seus alunos (Walter, pelo menos) à inadequação, à desobediência, conforme interpretação de Francisco Dias, já que, ele mesmo, havia escrito ao delegado falando da sua suspeita e por sua iniciativa o professor desaparecera:

numa noite de dezembro de trinta e cinco, tinham vindo buscar o professor de cara lisa [...] esse professor haveria de desaparecer do ensino, haveria de morrer cedo, sem nada para fazer, cercado por olhos de todos os lados; entretanto, já havia deixado estragos inapagáveis por onde tinha passado. Eles estavam à vista, na pessoa de Walter (JORGE, 2003, p. 59-62).

Os estragos (a ânsia de liberdade e o gosto pelo desenho) de fato já estavam feitos: Walter Glória Dias rompe com a família e parte, vira um Trota-mundos, inadaptado – para sempre – ao regime *paterno*.

O medo gera os monstros. Quando estes monstros detêm o poder, não há inocência que se salve: o belo, o lúdico, a criatividade são armas contra as quais é necessário agir antes que atinjam o maior número possível de pessoas: para impedir sua disseminação, só a força da escuridão e ignorância... para contê-la, coação e violência, pois não há mais como cegar aquele que já contemplou a luz.

Para encerrar, trago as palavras de Edward Said:

Todos nós vivemos numa sociedade e somos membros de uma nacionalidade com sua própria língua, tradição e situação histórica. Até que ponto os intelectuais são servos dessa realidade, até que ponto são seus inimigos? A mesma coisa acontece com a relação dos intelectuais com as instituições (academia, Igreja, entidade profissional) e com os poderes de um modo geral, os quais, na nossa época, cooptaram a intelectualidade em grau extraordinariamente alto. Como assinala o poeta Wilfred Owen, o resultado é que “os escribas impõem sua vozes ao povo / E apregoam obediência ao Estado”. Por isso, a meu ver (de Said), o principal dever do intelectual é a busca de uma relativa independência em face de tais pressões. Daí minhas caracterizações do intelectual como um exilado e marginal, como amador e autor de uma linguagem que tenta falar a verdade ao poder” (SAID, 2005).

O clichê de que todos somos seres políticos ainda vale: o equívoco é reduzir a política ao partidarismo e grupismo corporativista... repensar posturas, semear a dúvida, como intelectuais que somos é nosso dever... não sejamos ingênuos quanto a isso, fugindo da alcunha de intelectuais. O seríamos de qualquer maneira, pela perspectiva gramsciana: assumamos, porém, o papel de críticos, ao menos de nossas ações.

Referências bibliográficas:

CHAUÍ, Marilena. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

GIROUX, HENRY A. *Os Professores como Intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

JORGE, Lúcia. *A manta do soldado*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

ROSAS, Fernando. *O Estado Novo*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998. (História de Portugal, 7)

SAID, Edward W. *Representação do Intelectual: as Conferências Reihit de 1993*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.